A COMUNICAÇÃO E A TEORIA DO INQUIETANTE - ENTREVISTA COM DANIELLE NAVES

Communication and the theory of the unsettling - interview with Danielle Naves

La comunicación y la teoría de lo inquietante - entrevista de Danielle Naves

Alex Galeno[1]
Fagner França[2]
Jadson Maia[3]
Lucas Fortunato[4]
Gustavo de Castro[5]

DOI:10.31501/esf.v3i31.15427

Resumo: Entrevista com Danielle Naves de Oliveira, jornalista, doutora em Ciências da Comunicação pela ECA-USP (2007). Pesquisadora colaboradora da Fac-UnB, onde está vinculada aos grupos de pesquisa Siruiz (Comunicação e Imaginação Literária) e Biocom (Comunicação e Estudos Biográficos). Autora de Poros ou as passagens da comunicação (Paulus, 2016).
Palavras-chave: Comunicação. Inquietante. Estranho. Caos. Literatura. Poesia.

Abstract: Interview with Danielle Naves de Oliveira, journalist, PhD in Communication Sciences from ECA-USP (2007). Collaborating researcher at Fac-UnB, where she is linked to the research groups Siruiz (Communication and Literary Imagination) and Biocom (Communication and Biographical Studies). Author of Poros ou as passos da comunicação (Paulus, 2016).
Keywords: Communication. Disturbing. Strange. Chaos. Literature. Poetry.

Resumen: Entrevista a Danielle Naves de Oliveira, periodista, Doctora en Ciencias de la Comunicación por la ECA-USP (2007). Investigadora colaboradora de la Fac-UnB, donde está vinculada a los grupos de investigación Siruiz (Comunicación e Imaginación Literaria) y Biocom (Comunicación y Estudios Biográficos). Autor de Poros o los pasajes de la comunicación (Paulus, 2016).
Palabras-clave: Comunicación. Inquietante. Extraño. Caos. Literatura. Poesía.

[1] Doutor; Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, Brasil. alexgalenno@gmail.com | http://orcid.org/0000-0001-5103-0339

[2] Doutor; Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, Brasil. fagnertf@yahoo.com.br | https://orcid.org/0000-0003-2170-4288

[3] Doutor; Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, Brasil. fjadsonmaia@gmail.com | https://orcid.org/0000-0003-0148-3975

[4] Doutor; Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, Brasil. lucasfortitude@gmail.com | https://orcid.org/0000-0002-5408-513X.

[5] Doutor; Universidade de Brasília, Brasília, Brasil. gustavo.castro@fac.unb.br | https://orcid.org/0000-0001-7126-6947

Entrevista submetida em: Agosto/2024. Aprovada em: Setembro/2024

Esferas, ano 14, vol. 3, nº 31, setembro/dezembro de 2024 | ISSN 2446-6190

Revista Esferas tem seu conteúdo sob uma *Licença Creative Commons*

Apresentação

Em tempos monstruosos como os que vivemos, com o enrijecimento das subjetividades, fronteiras e a fascistização das relações e do cotidiano, torna-se ainda mais fundamental mudar as estratégias de pensamento e ação. É nesse contexto que ideias necessárias para enfrentar o espírito do tempo passam a emergir com toda força. Unheimlich, expressão tornada célebre por Sigmund Freud em 1919 é uma delas. As diversas traduções em vários idiomas apontam para a vivacidade do conceito: infamiliar, estranheza inquietante, insólito, impróprio, insecreto. A palavra ao mesmo tempo "contém o lar (Heim), o oculto (heimlich) e uma partícula negadora (un-) que torna o lar inabitável e desoculta o que deveria ficar oculto", diz a filósofa, poeta, tradutora e teórica da comunicação Danielle Naves de Oliveira, estudiosa do tema há pelo menos duas décadas. Em entrevista concedida à Esferas diretamente de Marburg, na Alemanha, onde faz morada há 20 anos, Naves compreende que "O monstruoso mora tanto nos que se sabem impuros quanto naqueles que se pretendem irretocáveis e imaculados". Parece um alerta para que desarmemos as tentativas de polarização política, cultural e moral, num mundo repleto de donos da verdade, apesar do desenvolvimento sem precedentes dos meios de comunicação.

Nesta entrevista, a comunicação é vista como uma abertura à alteridade e ao improvável. É uma forma de acontecimento. Toda comunicação, afirma Naves, "se baseia numa homeostase entre conhecido e desconhecido, num acolhimento do que é outro". Nesse sentido, "comunicação e infamiliaridade seriam indissociáveis". Antes da construção conceitual do Unheimlich por Freud, explica ela, a ideia já circulava amplamente nos ambientes da cultura, por meio dos antigos gregos

(Ilíada), dos contos de fadas (Branca de Neve, Pinóquio), e segue viva no universo da cultura (Procurando Nemo, Star Wars). “Há figura mais infamiliar do que Darth Vader?”.

A ascensão do neofacismo em todo o mundo, que restabelece de forma acentuada os limites entre o “nós” e os “outros”, o “dentro” e o “fora”, o “pertencimento” e o “não pertencimento”, seria uma tentativa de apagamento do infamiliar, pois o conceito “nos força a ver tanto o que há de outro em nós quanto o que há de nós no outro”, diz Naves, enfatizando a necessidade da convivência com a diferença. Fora disso só há guerra, intolerância e xenofobia.

Nas palavras da autora de Poros ou as passagens da comunicação (Paulus, 2016), “Sabem qual o primeiro efeito dessa xenofobia? São justamente as assombrações infamiliares. As pessoas (ou grupos inteiros) começam a sonhar, a imaginar e a desejar um mundo purificado do incômodo estrangeiro. São sonhos e imaginações que se dão não somente num nível abstrato, mas também corporalmente, à noite, dormindo”.

Danielle Naves de Oliveira, que atualmente é pesquisadora associada à Universidade de Brasília (UnB), conclui a entrevista com uma crítica à razão iluminista e aos discursos simplificadores não apenas na política, mas também nos meios de comunicação e na academia: “Devido a demandas urgentes, em que a realidade é extremamente complexa, caótica, irreversível e dinâmica, os discursos tendem a se simplificar. E isso é fatal. No caso da comunicação, se os únicos rótulos que pudermos conferir à informação forem ‘verdade’ e ‘mentira’, estaremos perdidos”.

E uma última palavra: um pensamento que seja fiel aos desafios do presente precisa ser "verdadeiro, afetivo e fiel à vida", capaz de contemplar a complexidade do mundo.

ENTREVISTADORES: Danielle Naves, obrigado por conceder esta entrevista para o nosso dossiê. O "infamiliar" é um tema que nos interessa seguir pesquisando, não apenas restrito ao campo da Comunicação, no entanto, gostaríamos de saber primeiro quando e por que surgiu o seu interesse pelos aspectos do infamiliar nos estudos da Comunicação. Sabemos que se trata de uma noção elaborada por Sigmund Freud em 1919 para dar conta de uma situação de estranhamento experimentada após a Primeira Guerra, algo que é muito estranho, inquietante, angustiante, mas ao mesmo tempo próximo, familiar. Você observa aproximações na sociedade à época e o mundo hoje em relação à ideia de infamiliar?

DANIELLE: Há inquietações que nos acompanham durante anos até chegarem, finalmente, a um momento de formulação e se tornarem questão de pesquisa. Minha história com a noção de Unhmeimlich deu-se desse modo. As fronteiras rígidas sempre me incomodaram, tanto no pensamento quanto em outros setores, como na geografia, nos corpos ou na moral. Ainda criança, eu alimentava uma enorme desconfiança em relação a tudo o que era excessivamente convicto e impermeável. Cresci num ambiente muito deformado pela ditadura militar, não tinha chance de me expressar; contudo, dentro de mim crescia lentamente o maravilhoso monstro da suspeita. Pois bem. O monstruoso mora tanto nos que se sabem impuros quanto naqueles que se pretendem irretocáveis e imaculados. Não existe vida sem mácula.

Somente quando comecei a tese de doutorado, em 2002 e orientada por Ciro Marcondes Filho, pude me dedicar a um processo de formulação disso que, hoje, vejo como parte de um trauma histórico de nosso país. Procurei acessar o problema por várias vias: filosofias da alteridade e da hospitalidade, tragédias, poesia, história, política, e psicanálise (não somente com Freud, mas também com Lou Salomé, Jung e outros expoentes). Sempre tive um jeito bastante intuitivo de fazer pesquisa e, naquele começo de tese, eu simplesmente entrava nas bibliotecas da universidade, caminhava entre as prateleiras, olhava livros aleatoriamente, abria alguns e esperava que ressoassem em mim. O mesmo se dava com a internet: não existiam ainda todos esses recursos de busca que temos hoje, mas eu já frequentava alguns fóruns de poesia, filosofia e história da ciência.

Num desses mergulhos, veio o achado. Foi um momento heurístico e ali a pesquisa de fato começou. De madrugada, vagando por esses fóruns da internet, topei com uma citação da filósofa francesa Sarah Kofman; era apenas um parágrafo que descrevia a noção de póros, palavra grega para “passagem”. Trata-se de um texto muito poético, que me pegou também pela forma, pelo modo delicado de apresentar algo tão espantoso. Munida daquela referência (lembro como se fosse hoje), fui até a Livraria Francesa, lugar então emblemático, perto da Praça da República em São Paulo, e encomendei o livro “Comment s’en sortir” (Como se safar), no qual estava a citação. Assim, posso dizer que para chegar ao tema do Unheimlich, dediquei-me primeiramente à investigação da porosidade, pois é ela que permite os cruzamentos de efeito infamiliar que tanto nos impressionam.

ENTREVISTADORES: Em seus estudos, o que você define propriamente como “Comunicação infamiliar”?

DANIELLE: Corro o risco de ser generalizante, mas se considerarmos que toda comunicação baseia-se numa homeostase entre conhecido e desconhecido, num acolhimento do que é outro, ousaria sugerir que comunicação e infamiliaridade são indissociáveis. Trata-se de um princípio presente em muitas culturas e, no caso do Ocidente, vem sobretudo pelo caminho da hospitalidade — ou pela falta dela — como no movimento de abrir a porta e dar passagem ao estranho. De certa forma, o conceito se assentou na palavra alemã Unheimlich, cuja composição é fascinante, pois contém o lar (Heim), o oculto (heimlich) e uma partícula negadora (un-) que torna o lar inabitável e desoculta o que deveria ficar oculto. A palavra oferece uma diversidade enorme de traduções, não por ser intraduzível, mas por ser fecunda (lembro aqui Vilém Flusser, que dizia que a língua portuguesa é filosoficamente suficiente). Além das versões mais antigas (por traduções do francês e do inglês) como estranho-familiar ou estranheza-inquietante, saíram nos últimos anos traduções muito boas para o texto de Freud, que trazem no título, além do infamiliar, as opções do inquietante, do insólito, do impróprio e do insecreto.

Na ciência da comunicação, que é meu campo de trabalho, elencaria aqui implicações tanto teóricas quanto aplicadas da infamiliaridade. Por exemplo, podemos observá-la nos processos de alteridade, de diálogo, de aprendizado, também em relações interpessoais de todas as naturezas, nos fenômenos que envolvem o amor, a sedução, assim como o ódio e a rejeição. No campo mais aplicado temos, por exemplo, o evento das polarizações de opinião a partir das

falsificações ou simulacros, capazes de enorme mobilização pública. Um exemplo disso são as fake news e as teorias de conspiração, hoje infelizmente atuantes a pleno vapor.

Esse tipo de infamiliaridade (que hoje é matéria-prima das fake news) já era presente e plenamente detectável nas narrativas da antiguidade. Ora, como foi mesmo que Ulisses se reapresentou ao seu próprio palácio quando retornou a Íthaca? Não foi como rei e herói, mas sim como mendigo, disfarçado de estrangeiro, sendo reconhecido de imediato apenas por seu velho cachorro. Trata-se de um recurso narrativo genial, pois cria o assombro a partir do habitual, e que as teorias alemãs passaram mais tarde a chamar de doppelgänger (o duplo). Lembremos dos contos de fada e das cenas em que a figura materna se transforma em bruxa malvada. São imagens cujo discurso implícito é: cuidado com tudo o que está confortável, pois pode se virar contra você. No fim das contas, há uma função civilizatória nelas, no sentido de afinar o instinto de sobrevivência através da desconfiança. Contudo, é fácil perder a medida, de modo que desconfiança pode virar excesso e paranoia.

Tais recursos permanecem vivos em nossas culturas de comunicação. Basta vemos os filmes da Disney e de fantasia em geral, diante dos quais as crianças tremem de pavor, pois são narrativas imantadas de ameaças à estabilidade, como a morte do pai ou da mãe (Branca de neve), o desvio do caminho de casa e a perda da memória (Pinóquio, Procurando nemo), até a sedução da luz pelas sombras (Saga Star Wars). Claro, eu poderia citar aqui vários filmes de Hitchcock, que é um mestre espetacular do Unheimlich, mas não resisto à pergunta: há figura mais infamiliar do que Darth Vader?

ENTREVISTADORES: Como esta noção ajuda a pensar hoje a sociedade e a cultura?

DANIELLE: A abordagem da infamiliaridade pode se dar a partir de diversas frentes: pela ontologia, ao questionar a validade entidades absolutas e idênticas a si mesmas; pela ética, ao priorizar a passagem da alteridade e, mais do que isso, ao tomar o outro como constitutivo do si-mesmo; pela política, por dissolver nacionalismos e fronteiras rígidas, inclusive aquelas entre público e privado; pela estética, ao confirmar a presença do terrífico no interior do sublime; pela epistemologia, por reivindicar diversidade na ciência e em todas as formas de saber; na poética, por ser inerente aos processos criativos; pela lógica, por possibilitar um pensamento para além da identidade e da consistência. Porém, mais importante do que a vinculação a uma área específica do conhecimento, é sua potência transdisciplinar.

Trata-se de um conceito que nos força a ver tanto o que há de outro em nós quanto o que há de nós no outro. Tal potência de alteridade aplica-se a muitos âmbitos da cultura, inclusive nas nossas práticas acadêmicas. Se conseguirmos identificar o infamiliar que nos ronda, poderemos criar um terreno propício à diversidade. Tomando como exemplo o ambiente acadêmico, vemos infelizmente grande intolerância e preconceito entre as disciplinas, sem falar numa pretensa reserva de mercado que não nos leva a lugar algum. Por exemplo, é comum ver filósofos desprezando antropólogos e vice-versa, ou físicos sentindo-se superiores a engenheiros, e assim por diante. Numa atmosfera dessas, onde impera a hostilidade, ninguém está disposto a dialogar e a xenofobia é notória.

Sabem qual o primeiro efeito dessa xenofobia? São justamente as assombrações infamiliares. As pessoas (ou grupos inteiros) começam a sonhar, a imaginar e a desejar um mundo purificado do incômodo estrangeiro. São sonhos e imaginações que se dão não somente num nível abstrato, mas também corporalmente, à noite, dormindo. Enfim, surge um arsenal de produção de imagens conflituosas, nas quais o inimigo demonizado aparece em sonhos, disfarçado numa aparência familiar como a de um parente, um vizinho, um amigo. É comum, em tais situações, a exacerbação da desconfiança e das paranóias.

Historicamente, já tivemos vários momentos em que isso atingiu um nível coletivo. O exemplo do holocausto dos judeus é paradigmático. Mas também podemos falar da colonização europeia nas Américas, que por um lado estigmatizou o indígena como sujo e preguiçoso, mas simultaneamente invejou e romantizou sua relação com a natureza, sua liberdade corporal, sua sensualidade. Esse mesmo europeu escravizou povos africanos, sob o pretexto de que não eram humanos ou não tinham alma. Mais recentemente, a pandemia da Covid nos colocou de forma muito viva diante de todos esses medos em relação ao outro, onde qualquer contato significava risco de contaminação. Enfim, a lista seria imensa, deixo para vocês completá-la.

ENTREVISTADORES: Sabemos que você ofereceu um curso sobre o tema na Universidade de Brasília (UnB), em 2023, será que você poderia falar um pouco como ele foi estruturado e o que você pretendia?

DANIELLE: O curso focou num aspecto específico da infamiliaridade, mais precisamente no medo da contaminação que acabo de mencionar. Claro, estávamos saindo da pandemia, em que

a ameaça de contágio físico vinha em primeiro lugar. Porém, o âmbito corporal do contágio tende a se expandir para uma ameaça mais complexa, de ordem simbólica, moral e política. Os gregos antigos tinham uma palavra bem precisa para isso: miasma.

A partir desse pressuposto, abordamos ao longo do curso algumas perspectivas ocidentais e não-ocidentais, recorrendo tanto a textos acadêmicos quanto a peças de teatro, poesia, cinema e tradição oral. Um dos pontos altos foi quando discutimos a noção de bode-expiatório. Com base nos trabalhos de René Girard, vimos o quanto continua presente entre nós esse estratagema que, ao desumanizar o outro, autoriza seu extermínio. O bode-expiatório costuma ser uma figura extremamente infamiliar, pois é representado por alguém familiar, um integrante da comunidade que, quase sempre aleatoriamente, passa a corresponder a sinais arbitrários de abjeção e é levado ao sacrifício. Giorgio Agamben diz algo semelhante em sua obra sobre o homo sacer. De fato, a história mostra que o sacrifício de inocentes tem uma força mobilizadora descomunal, sendo frequentemente utilizado como meio de redenção e gozo das elites.

ENTREVISTADORES: Sabemos que você estudou a obra de Dietmar Kamper durante muito tempo. Sabemos que ele foi muito fortemente influenciado por F. Nietzsche e outros grandes autores, e sabemos da mesma forma que você mesma é uma estudiosa atenta da obra nietzschiana. Neste sentido, qual ou quais foram a seu ver as principais contribuições de Nietzsche e de Kamper para os estudos comunicacionais?

DANIELLE: Fui apresentada ao pensamento de Dietmar Kamper em 1998, quando Ciro Marcondes Filho ofereceu um curso na pós-graduação da USP a seu respeito. Interessei-me

imediatamente, o que me levou a Norval Baitello Jr., de quem Kamper era amigo próximo e, graças a tal vínculo, pude presenciar algumas de suas conferências no Brasil. Como naquele tempo havia pouquíssimos textos dele em alemão, animei-me a estudar a língua, nutrindo o desejo de um dia traduzi-lo para o português.

Mais tarde, estudar a obra de Kamper deu-se num processo indissociável de meu sentimento de exílio. Entre idas e vindas, vivo na Alemanha há vinte anos. Cheguei aqui pela primeira vez em 2004 para fazer doutorado sanduíche. Depois, instalei-me definitivamente em 2007, por motivos familiares. Considero o alemão uma língua difícil, assim como a adaptação cultural no país e, por eu ser uma pessoa vagarosa, levei muito tempo para conseguir me sentir em casa. Enquanto ia me adaptando e lidando com coisas imediatas como família, crianças e casa, resolvi desenvolver uma pesquisa independente, sem vínculo com nenhuma instituição. Foi assim que estudei toda a obra do Kamper, escrevi alguns artigos e traduzi o livro Mudança de horizonte, que saiu pela Paulus em 2016.

É interessante vocês me trazerem esse vínculo entre Kamper e Nietzsche, autores que de certa forma estão sempre comigo. Hoje percebo-os como dois metabolismos bastante diferentes e, justamente por isso, complementares. Dietmar Kamper ressoa em mim como pensamento noturno. Embora ele gostasse de sol e de calor, há em sua obra algo que conduz à profundeza, o que podemos chamar literalmente de força de gravidade. Era um homem ligado à terra, às caminhadas, também às narrativas da queda, narrativas que descrevem, por exemplo, desde a queda primordial até a famosa frase do Tractatus de Wittgenstein (“Die Welt ist alles, was der Fall

ist", ou seja, "O mundo é tudo o que é queda"). Trata-se de um mestre dos fechamentos, das penumbras, alguém incrivelmente versado em textos medievais e hermetismo, sendo que sua própria escrita evoluiu nesse sentido, composta por camadas de interpretação delicadamente sobrepostas, que brincam de esconde-esconde com o leitor, sugerem mais do que revelam e, quando revelam, é algo que surge de repente, num pacote. Não é um texto fácil. Mas quando toca o leitor, gera aquele impacto indescritível.

Quanto a Friedrich Nietzsche, se quisermos aqui considerá-lo em parentesco com Dietmar Kamper, eu diria que é alguém que empreendeu um esforço descomunal para trabalhar tanto os próprios abismos quanto os do pensamento ocidental. Nietzsche dizia que tudo o que é profundo ama a máscara. Além disso, aconselhava-nos a fugir do espírito de gravidade. Afinal, como filólogo e filósofo, conheceu mais o do que ninguém o mundo das profundezas, dos pessimismos, dos sofrimentos e dos ressentimentos, porém, seu pensamento movimentava-se em elevação, buscando a altura das montanhas, a multiplicação de perspectivas, a saúde vigorosa e principalmente a alegria.

Vocês me perguntaram sobre a contribuição de ambos para a Comunicação. Na minha opinião, são várias, de modo que ainda há muito a ser explorado e pesquisado. Vou me deter aqui em apenas alguns exemplos.

Em se tratando de comunicação, Nietzsche abrange diversos níveis, embora jamais tenha se dedicado expressamente ao tema. De um lado, manteve-se atento ao desenvolvimento das tecnologias e da massificação em seu tempo, como a popularização dos jornais, dos livros, da

máquina de escrever e, consequentemente, do impacto disso tudo na vida corporal humana. Em sua obra Ecce homo e também em fragmentos póstumos, ele diz preferir pensar enquanto caminha, ao ar livre e principalmente longe dos livros. Claro, Nietzsche tinha uma cultura inigualável e lia muito; no entanto, quando escrevia e criava, dispensava a companhia dos livros visando preservar a própria independência intelectual e metabólica.

Outro aspecto interessante para o campo da Comunicação é sua abordagem sobre a consciência como corte raso. Ou seja: para Nietzsche, existiria no intelecto humano uma espécie de órgão responsável pela comunicação, evidenciado evolutivamente diante da necessidade de estabelecer vínculos sociais, políticos e cuja finalidade seria a sobrevivência da espécie. Isso está, por exemplo, em Além do bem e do mal e Crepúsculo dos ídolos. Nesse contexto, a comunicação não seria um talento, tampouco uma qualidade nobre dos humanos, mas um subterfúgio da consciência de indivíduos fracos, pouco dispostos a encarar a finitude e a face trágica da vida. (Abro um parêntese aqui para lembrar que este modelo é o extremo oposto do que propunha Ciro Marcondes filho, para quem comunicar consiste em acontecimento raro e enriquecedor).

A contribuição de Kamper, em certos aspectos, afina-se com a de Nietzsche, sobretudo no que diz respeito ao corpo, à crítica ao idealismo e à afirmação da vida. Por outro lado, toca também em temas menos nietzschianos como o infamiliar, que Kamper traz de Freud e da literatura de Ernst Hoffmann (autor por ele muito apreciado), mas também de Giambattista Vico, pensador da renascença tardia. Na discussão do infamiliar e suas tensões (dentro-fora,

morto-vivo, próprio-alheio, oriente-ocidente), Kamper nos coloca diante da urgência da alteridade, que é um dos fundamentos da comunicação e pressuposto de todas as relações.

No Brasil, país que Kamper visitou várias vezes, sinto que seus leitores apreciam as reflexões sobre imagens, tecnologias e estética. De fato, são campos atravessados pela ciência da comunicação, mas que podem ser contemplados num quadro epistemológico mais plural. Kamper ainda é um dos poucos autores que pensa a questão da imagem para além de um ponto de vista limitado a descrever o que as pessoas fazem diante das telas. Nesse sentido, é de grande valor sua tendência à profundidade e mesmo sua melancolia. Para ele, imagens, abstrações, telas e demais retângulos têm uma história cultural e corporal, cujos rastros podem ser seguidos enquanto caminhamos, retrospectivamente, pela trilha tão contraditória que é o Ocidente.

ENTREVISTADORES: Falando um pouco mais sobre o seu trabalho, sabemos que você e Ciro Marcondes Filho foram os principais formuladores da noção de Metáporo. Será que você poderia falar um pouco sobre o que tal conceito significa para os estudos comunicacionais?

DANIELLE: Como mencionei mais acima, contrariamente à posição de Nietzsche, Ciro Marcondes Filho concebeu a comunicação como acontecimento incomum, raro, de certa forma infamiliar. Suas últimas pesquisas abordam esse caráter em quiasma da comunicação, ou seja, uma raridade espantosa cuja presença pode ser verificada não somente em eventos grandiosos, mas sobretudo em situações simples, cotidianas, no ínfimo mesmo. O próprio termo “comunicação incomum” é quiasmática, um cruzamento improvável, porém muito fértil.

Ele foi generoso ao me creditar participação na ideia do metáporo. Posso afirmar que, se de fato houve essa participação, foi muito pequena, talvez na forma de um insight, de uma abertura para algo que ele vinha perseguindo há décadas. O tema do método ocupava Ciro Marcondes desde seu trabalho de mestrado, no anos 70, quando propôs um método sociológico baseado em Lima Barreto. Naquele momento, já era uma proposta meio inusitada, mas ninguém podia com ele, não é mesmo? Esse trabalho está lá, na biblioteca da FFLCH na USP, e pode ser lido por qualquer um.

Nos períodos seguintes, não foi diferente. Na época do NTC, grupo por ele criado para estudar as novas teorias da comunicação nos anos 90, organizou várias reuniões e workshops para discutirmos a questão do método. Imagino que lhe causava bastante incômodo, como pesquisador das coisas moventes, estar preso a posturas científicas enrijecidas ou mesmo de fundo autoritário e produtivista. Isso se tornou mais evidente quando a lógica neoliberal começou a invadir a burocracia acadêmica. Hoje, tudo isso está bem escancarado: somos obrigados a obedecer critérios de produtividade contrários ao espírito do pensamento, da reflexão e da crítica.

Vejo o metáporo, no conjunto de sua imensa obra, como um momento de alegria e de resistência, um momento no qual ainda vibra o jovem Ciro lá dos anos 70. Talvez vocês esperassem de mim, nesta entrevista, que eu destrinchasse aspectos técnicos e teóricos do metáporo. Não saberia fazer isso. Cada vez que olho para os resultados de seu trabalho, os artigos que publicou, os livros e, principalmente, o que fez como professor das disciplinas de graduação com alunos de jornalismo (para os quais inventou e dedicou um “Festival metapórico”),

entendo o alcance da proposta: que pesquisadores de todos os níveis e idades sintam-se livres para investigar o que é vivo, movente, transitório, fugidio e espantoso. Não há coisa mais alegre do que presenciar o espanto (nosso, dos alunos, dos orientandos e de nossos interlocutores) diante do conhecimento. Ciro Marcondes Filho me presenteou com muitos momentos de espanto e alegria epistêmica. Sou infinitamente grata a ele.

ENTREVISTADORES: Freud pensou a noção de infamiliar também por ser judeu. O judeu, não apenas na Europa, mas também em outras partes do mundo, em diversas épocas, foi visto como aquele que carrega um certo estranhamento inquietante, que simultaneamente pertence e não pertence a um determinado corpo social. Lembremos, por exemplo do caso Dreyfus. Sabemos também que você se dedica ou se dedicou à tradução de poetas judias. Como foi isso? Fale delas, por favor (das traduções e das poetas).

DANIELLE: Quando vim morar na Alemanha, como mulher estrangeira, sul-americana e parda, senti-me na obrigação de conhecer a história desse país, principalmente a história do holocausto. Não foi algo que vivenciei apenas como obrigação de intelecto, mas sobretudo de cidadania e de sensibilidade. Embora existam inúmeros esforços institucionais para que a memória do holocausto não seja apagada, a sensibilidade (minha e de tantos residentes no país) aponta para o mal-estar do que não está resolvido nessa cultura e possivelmente nunca estará. É uma atmosfera difícil de descrever, presente no habitus alemão de modo geral, nas casas de muitas famílias que guardam álbum de fotografias de seus ancestrais vestidos em uniformes militares, na relação da população com o solo e com a natureza, nas práticas profissionais, na política. Certamente, há resíduos

claros da mentalidade nazista nessa sociedade, como a ação de alguns partidos políticos e seus representantes, que ganham cada vez mais espaço. Mas não é disso que estou falando, o que me inquieta são as sutilezas, aqueles rastros de totalitarismo revestidos de boas intenções. Ora, há muito tempo sabemos que de boas intenções o inferno está cheio.

O projeto com as poetas judias de língua alemã tem a ver com isso. Foi o modo que encontrei para aprender a cartilha do totalitarismo, pela língua sutil de mulheres vitimizadas pelo regime de Hitler e que, tão infamiliarmente, viveram e escreveram no idioma do inimigo. Dediquei-me em especial às poetas Gertrud Kolmar (1894-1943), Mascha Kaleko (1907-1975), Hilde Domin (1909-2006) e Selma Merbaum (1924-1942). Desta última, conterrânea e prima de Paul Celan, tive a chance de traduzir a obra com uma bolsa do governo alemão e para a qual busco atualmente uma editora no Brasil.

Selma Merbaum morreu pouco antes de completar dezenove anos, num campo de concentração. Seus poemas percorreram um caminho, eu diria, milagroso, para chegar até nós. Antes de ser deportada, ela entregou-os a um estranho na praça de sua cidade, Chernowitz. A partir dali, os poemas passaram pelas mãos de várias pessoas, ficaram inclusive guardados durante anos num cofre em Israel. Nos anos 1980 foram finalmente descobertos por um jornalista alemão e pela poeta Hilde Domin.

A atividade de tradução é mais um exemplo de infamiliaride, pois nela o tempo todo estão em jogo a estranheza e o habitual. Envolve trazer o outro para si e levar o si para outro, como numa porosidade, numa retroalimentação na qual as fronteiras apagam-se e redesenham-se

continuamente. É igualmente um modo de leitura muito trabalhoso e ao mesmo tempo gratificante, uma leitura que, no meu caso, apazigua as dores de estrangeiridade e de saudade.

ENTREVISTADORES: Existe alguma relação entre comunicação, poesia e loucura?

DANIELLE: Essa é a pergunta mais difícil que vocês poderiam me fazer, porque a resposta é positiva. No entanto, como articular essa resposta implica dificuldade e acho que é um trabalho para toda a vida. Gosto muito de acompanhar as pesquisas do grupo de vocês, que tem em Antonin Artaud uma referência central e nos propicia, através do teatro, contemplar o entrelaçamento desses três elementos de modo magistral. Loucura é um nome genérico para diversos sofrimentos psíquicos individuais, vividos na carne, e eventualmente ampliados para contextos coletivos e mesmo políticos. Justamente por ser um sofrimento, não deve em momento algum ser romantizado e — somente a partir daí, de um lugar de respeito à alteridade da pessoa que sofre — poderíamos finalmente aprender com ela. Aprender a existência do outro, sua dignidade, sua sabedoria, sua poesia e lhe sermos gratos por nos mostrar, do fundo de sua dor, os limites cruéis daquilo que nossa civilização entende por razão e por sujeito. Mais ainda, aprendermos que esse outro (miasmado, rejeitado e estigmatizado) também está em nós e, portanto, ele nos é mais familiar do que imaginamos. Se formos capazes disso, haverá comunicação e também poesia.

ENTREVISTADORES: Há muitos anos você estudou a relação do caos com a comunicação. Hoje em dia isso faz todo o sentido quando pensamos como a informação acabou se organizando na sociedade, principalmente a partir da ascensão de uma forma de fazer política que se beneficia

justamente do caos discursivo. Mas além disso, qual relação você faz hoje entre o caos e a comunicação?

DANIELLE: Sim, ali nos anos 1990 principalmente, houve um movimento significativo para esses estudos, os quais eu seguia com entusiasmo. De um lado, vinha crescendo a popularização do campo científico da termodinâmica, área da física desenvolvida no século XIX para tratar de sistemas complexos, assim como de lógicas dedicadas ao paradoxo e da geometria não-euclidiana que pôde, enfim, ser expressa graficamente por aqueles programas de computadores que geravam fractais coloridos. Tudo aquilo me fascinava.

Paralelamente, nas ciências humanas, após o clima tenso do pós-guerra (se bem que havia outras tensões, sempre há) e os intelectuais europeus começavam a lidar com todas aquelas questões postergadas pela urgência do holocausto. Nesse contexto, e com a energia remanescente das lutas de maio de 1968, emergiam pensamentos como o da complexidade, na figura de Edgar Morin, além de tudo o que se chamou de pós-estruturalismo e pós-modernidade. Muita gente considera esse período pouco politizado, mas não concordo. Basta olharmos o currículo de Edgar Morin, de Jean-François Lyotard ou de Michel Foucault, todos intensos atuantes da resistência, com passagens por partidos socialistas e críticos ferrenhos ao colonialismo francês.

Eu era uma jovem pesquisadora, acabava de entrar no mestrado, e tinha interesse em conhecer melhor tal espírito do tempo. Em minha dissertação, fiz um levantamento que hoje considero mais como trabalho de reportagem e de divulgação científica. Consegui um estágio em

Paris, em 1999, no laboratório do Professor Michel Paty, filósofo, físico e historiador da ciência que, com muita generosidade, me ensinou o rigor e o método necessários àquele trabalho. Assim, nos arquivos de Paris, pude investigar as origens da termodinâmica no século XIX, corrente que deu impulso, mais de cem anos depois, às teorias transdisciplinares da complexidade, do caos e dos paradoxos.

Hoje, com a polarização global da política, sinto que poderíamos ter aprendido mais com a complexidade, uma área do pensamento que, infelizmente, parece ter sido retirada da pauta acadêmica nos últimos anos. Devido a demandas urgentes, em que a realidade é extremamente complexa, caótica, irreversível e dinâmica, os discursos tendem a se simplificar. E isso é fatal. No caso da comunicação, se os únicos rótulos que pudermos conferir à informação forem “verdade” e “mentira”, estaremos perdidos. A complexidade, assim como toda a crítica ao sujeito moderno (aqui tenho Nietzsche como principal referência), nos ensinam que há uma diferença entre a busca obcecada por uma verdade absoluta (de cunho idealista e metafísico) e a atitude de uma vida verdadeira (ou seja, honesta, ética e respeitosa). É com essa segunda opção que prefiro ficar.

Por exemplo, uma notícia jornalística, para ser verdadeira, precisa considerar não somente a verdade dos fatos, mas também os fios míticos que os envolvem, o apelo sedutor ali contido. O problema das fake news e de tudo o que é fake é justamente esse: eles sabem embalar muito bem o que vendem, seduzem e mitificam com maestria. Enquanto isso, o velho jornalismo, preso a uma ideia caricata do Iluminismo, preso a uma rigidez cognitiva burra, não consegue mais se conectar com o público. Se fizermos uma busca histórica pela ambiência dos primeiros jornais,

ainda no século das Luzes, veremos que não foi apenas a racionalidade que inflou a revolução, mas sim a vida-verdadeira dos revolucionários, transmitida por um jornalismo cheio de desejo, mitificado por uma vontade de mudança tão intensa que derrubou o regime.

A distorção entre verdade e verdadeiro foi notável nas coberturas jornalísticas da pandemia. Era uma luta de anões contra Golias, pois o trabalho cotidiano em levar informações confiáveis não dava conta de enfrentar a avalanche de narrativas fabulosas contra a vacina, contra os tratamentos, contra a necessidade de obedecer às medidas sanitárias. Jornalistas são pessoas que deveriam saber contar a História como quem conta estórias. E essa capacidade foi lentamente desaprendida ao longo do século XX, sob uma pretensa camada de imparcialidade. Fatos são coisa quente, por isso não podem ser tratados com a frieza de quem disseca cadáveres.

O pensamento da complexidade vem para nos ensinar que entendemos mal o Iluminismo, infelizmente. Se tivéssemos entendido a lição, veríamos que a primeira coisa a se extirpar num momento de crise é a cabeça do rei. Não qualquer cabeça, mas aquela coroada com a arrogância de uma verdade absolutista. Em seu lugar, poderia nascer um pensamento verdadeiro, afetivo e fiel à vida.